

CINEMA

# Estagio na Bahia

JEAN-CLAUDE BERNARDET

De 10 a 14 de fevereiro, realizou-se em Salvador o "Primeiro Estagio para Dirigentes de Cineclubes", reunião organizada pelo Centro de Cineclubes, sob o patrocínio do Clube de Cinema da Bahia, em colaboração com a Universidade da Bahia e a Cinemateca Brasileira. O alvo principal dessa reunião era o estudo do primeiro mestre do cinema brasileiro: Humberto Mauro. O estagio poderia ter sido um marco na vida cultural cinematográfica do Brasil, pois tratava-se do primeiro conclave de cineclubistas em torno de um assunto quase unico (fato que supõe um certo desenvolvimento cultural) e um assunto brasileiro, de vanguarda, já que a obra de Mauro ainda não foi estudada. Entretanto, o estagio, como tal, fracassou.

Já o seu programa deixava prever que seriam muitas as dificuldades a vencer para se conseguir um resultado positivo. De fato, ao lado de Humberto Mauro, foram acrescentados outros assuntos: problemas de cineclubes e papel da Cinemateca Brasileira. Ora, chegamos a um ponto em que não é mais possível abordar sumariamente a cinemateca e clubes, porque são organizações bastante desenvolvidas e que apresentam problemas complexos. Portanto, se no decorrer do estagio, uma ou outra pessoa lançou alguma idéia interessante, foi em vão, porque não houve tempo para debet-la. Por outro lado, falar superficialmente de cineclubes não deixou o tempo suficiente para o menor aprofundamento de Mauro, chegando ao ponto de os organizadores do estagio deverem cancelar a projeção de duas fitas de Mauro, sobre seis programadas. A dispersão teve o resultado psicologico de desinteressar os participantes, que pouco contribuíram para elevar o nível cultural do estagio.

A essa dispersão, que resulta de uma concepção primitiva da vida cultural, acrescentou-se o fato de que era particularmente difícil estabelecer um programa de estudo da obra de Mauro, por ser essa ainda desconhecida. Os estagiarios sentiam-se soltos, sem saber que direção tomar no seu estudo (ou ausencia de estudo). Assim as pessoas que poderiam ter orientado os participantes se viram na obrigação de reconhecer que também elas ali se encontravam para tomar conhecimento de Mauro. Paulo Emilio Sales Gomes, na sua conferencia "Minha ignorancia de Humberto Mauro", explicou que esta situação era socialmente significativa: o brasileiro tem até hoje, em materia de cinema, uma mentalidade importadora. Do mesmo jeito que era inimaginavel há alguns anos pensar que o Brasil pudesse produzir gasolina ou carros, o cinema era por definição estrangeiro. Mauro é desconhecido pelo simples fato de ser brasileiro. A industrialização, o despertar economico do País, possibilitam hoje uma mudança da mentalidade cultural cinematográfica. Que pessoas se reunam para estudar Mauro possui essa significação, ainda que o estagio tenha tido uma significação mais simbolica que concreta. Entretanto, o primeiro passo foi dado para que um congresso frutifero seja organizado sobre a obra de Mauro.

O estagio nos deu uma outra lição: não foi representativo da vida cultural cinematográfica brasileira, porque, apesar da presença de três personalidades como Paulo Emilio Sales Gomes, Walter da Silveira e Alex Viany, havia somente representantes do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Bahia (sendo este ultimo o unico bem representado). Não havia cineclubistas de Estados que tanto contribuíram ao desenvolvimento da cultura cinematográfica como a Guanabara, Minas Gerais e São Paulo, ou de outros, que ainda não fizeram seus trabalhos, mas cujas atividades dentro de pouco tempo, poderão ser conhecidas. Não sei até que ponto essas atividades, porque a obra de Mauro é muito genérica e apronta

mios, convencendo os institutos de ensino que o cineclubismo deve ser um departamento das suas atividades. Somente com essas duas medidas o cineclubismo poderá sair do impasse no qual se encontra, tornar-se profissional e ser realmente cultural. E concluiu dizendo que se devia absolutamente "acabar com instituições á base de certo individualismo". Infelizmente, as idéias de Walter da Silveira não encontraram eco nos cineclubistas presentes e a escassez proposital de tempo não permitiu que fossem debatidas. Contra o espirito atualmente vigente nos cineclubes deve-se reagir, difundindo concepções mais aceitaveis de cultura cinematográfica, e impedindo que se repitam erros como esse "Primeiro Estagio para Dirigentes de Cineclubes".

Entretanto, a estada baiana teve um caracter nitidamente cultural, graças ás pessoas que encontramos e á atmosfera reinante. Não sei se a Bahia apresenta em todas as esferas das atividades artisticas o mesmo fervilhar que caracteriza as coisas ligadas ao cinema; mas neste campo, Bahia é uma grande cidade cultural. O cinema é como o pulso da cidade; todo mundo, desde o prefeito da cidade ou o reitor da Universidade, até pessoas do povo, está a par, todo mundo está consciente da importância do cinema e quer participar, seja na produção, seja culturalmente. O surto cinematografico não se caracteriza por mais uma serie de filmes que estão sendo realizados, mas por um espirito novo no Brasil. O cinema é feito para atuar, é uma arma que cineastas dão ao povo baiano. Bem empregada, será uma arma para o povo em geral. E os filmes baianos, por mais localizados que sejam, por mais polemicos, poderão perfeitamente interessar um publico internacional, refletirem a luta dos homens para se elevarem, para conseguirem melhores condições de vida, para se tornarem mais humanos. Porque a luta dos homens sempre interessa os outros homens. Foi isso que não entenderam os fazedores de exotismo, estrangeiros que querem rivalizar com o grupo baiano e que só conseguem superá-lo no orçamento das produções. Esse postulado condiciona as atuais modalidades do cinema. O conteúdo importa mais que a forma, esta deve ser estritamente condicionada ás idéias que o filme defende. Os cineastas baianos trabalham na rua, em locação; eles não têm equipamento (a não ser rebatedores de luz), alugam-no; não têm estúdio, quando precisam de uma cenografia utilizam os bastidores do Teatro Castro Alves; estão obrigados a redescobrir soluções já empregadas, porque estão sós e devem fazer tudo sós. Esse movimento está em grande parte liderado pelos proprios produtores. Costumamos ver o produtor como um homem de negocio, que quer sempre economizar sobre a produção; os produtores baianos, como Rex Schindler ou Braga Netto, são homens de cultura e produzem filmes para agir em função de uma determinada causa, o que, de jeito nenhum, significa que estejam indiferentes ao aspecto comercial do cinema; ao contrario, são realistas. Aliás, parece ser fato inedito no Brasil produtores assistirem a todas as projeções e á maioria das sessões de um conclave cultural. Outro fato inedito, é a produção planificada. Não se trata de planificação economica (que, provavelmente, não é ainda possível), mas de planificação cultural. Sabe-se do que não podem tentar, nos filmes atualmente produzidos, experiencias de assuntos ou de experimentais, que possibilitaram o aparecimento de estilos e generos novos. Assim Rex Schindler, no "Festival de Arraias" (que vendeu em salas comerciais de São Paulo e Rio de Janeiro do mesmo genero, nos últimos anos, produções



Vê-se no clichê a nova atriz brasileira Luiza Maranhão num plano de "A Grande Feira". A beleza e a sensualidade de Luiza Maranhão, atriz de talento dramático e grande sobriedade, constituem fatores do êxito artistico e comercial da fita.

Incompleto (narrado o final)